



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

SUZANY MARIA BARBOSA DOMINGUES

A FEIRA LIVRE DE UMBUZEIRO-PB: Espaço das reproduções econômicas e culturais da população

CAMPINA GRANDE – PB
2011

SUZANY MARIA BARBOSA DOMINGUES

A FEIRA LIVRE DE UMBUZEIRO-PB: Espaço das reproduções econômicas e culturais da população

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

D671f Domingues, Suzany Maria Barbosa.

A feira livre de umbuzeiro-pb [manuscrito]: espaço das reproduções econômicas e culturais da população /Suzany Maria Barbosa Domingues. – 2011.

41 f.: il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa, Departamento de Geografia”.

1. Comércio Informal 2. Feira livre 3. Expressões Populares 4. Manifestações Socioculturais I. Título.

21. ed. CDD 381.18

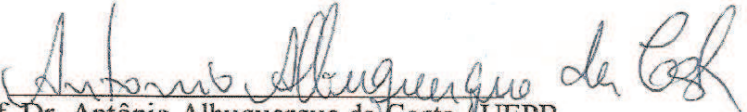
SUZANY MARIA BARBOSA DOMINGUES

**A FEIRA LIVRE DE UMBUZEIRO-PB: Espaço das reproduções
econômicas e culturais da população**

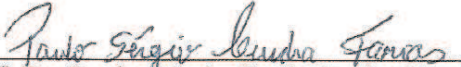
Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Geografia.

Aprovada em 02 /12 /2011.

Nota: 9,0


Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa /UEPB
Orientador


Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde / UEPB
Examinador


Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias/ UFCG
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus, aos meus pais Severino Domingues e Maria da Neves, pela paciência, amor e dedicação, as minhas irmãs pelo incentivo e carinho que sempre dedicaram a mim. E aos meus sobrinhos Igor e Maria Eduarda por proporcionarem tantos momentos de alegria em nossa família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, Ele que é o Senhor de todas as coisas e que me fortalece.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe e ao meu pai que não mediram esforços para me oferecer o que há de mais valioso em nossa vida: o estudo.

As minhas irmãs Sandra, Sandreane e Simone, essas que são amigas para toda hora, as quais tanto amo.

A minha sobrinha Maria Eduarda e ao meu sobrinho Igor, esses anjos que Deus enviou a nossa família.

Agradeço também a todos os meus professores, aqueles que fora base para que eu chegasse a Universidade, e aos professores universitários que fizeram parte da minha vida acadêmica, a vocês muito obrigada.

Agradeço especialmente ao Professor Dr. Antônio Albuquerque, por ter me orientado com paciência e dedicação.

Agradeço aos meus amigos de curso, cada um com seu jeitinho sempre demonstrando verdadeira amizade e muito carinho, de vocês sentirei muitas saudades e jamais esquecerei os momentos e as emoções que passamos juntos, sinceramente AMO VOCÊS.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização de um sonho, de me tornar professora essa tão nobre profissão.

A cultura é uma necessidade imprescindível de toda uma vida, é uma dimensão constitutiva da existência humana, como as mãos são um atributo do homem. (José Ortega y Gasset)

RESUMO

O presente trabalho discute os fatores socioculturais existentes na feira livre do município de Umbuzeiro – PB. Realizada as quintas, sextas e sábados, este mercado periódico é marcado por diversas formas de expressões populares. O trabalho foi desenvolvido a partir de levantamento bibliográfico acerca de abordagens temáticas referentes à história da cidade, das feiras livres, mercados periódicos e através de visitas *in loco*. Onde se percebeu as formas de organização e ocupação do espaço urbano, sua centralidade econômica e cultural e como se comporta enquanto área de lazer, trocas e sociabilidade. Discutimos também, os elementos que influenciam para a permanência da feira no cotidiano de Umbuzeiro. A partir da pesquisa se constatou que a feira livre tem uma forte representatividade na economia local, sendo fonte de renda de muitas famílias, e lugar onde a cultura popular esta viva e sendo vivenciada através de riquíssimas manifestações culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Feira Livre. Expressões Populares. Manifestações Socioculturais.

ABSTRACT

This present work discusses sociocultural factors existing at the fair free the city of Umbuzeiro-PB. Held Thursday, Friday and Saturday, this periodic market is marked by various forms of popular expressions. This work was developed from survey bibliographic on thematic approaches regarding of the city history, of the free fair, periodic markets and through the site visits. Where the perceived organization and occupation of urban space, its centrality economic and cultural and how to behave as a recreational area and sociability. Also discussed, the elements that influence to stay in daily life of the fair in Umbuzeiro. From the research to find that fair free has a strong representation in the local economy, being different source of many families, and where this popular culture alive and being experienced very through of the manifestations cultural rich.

KEY WORDS: Fair free. Sociocultural manifestations. Popular expressions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA 1	Mapa do estado da Paraíba com destaque do município de Umbuzeiro-PB.....	15
FIGURA 1	Igreja Matriz Nossa Senhora do Livramento.....	19
FIGURA 2	Antigo Grupo Escolar Coronel Antônio Pessoa.....	20
FIGURA 3	Antiga casa no centro da cidade	21
FIGURA 4	Localização da feira de Umbuzeiro.....	22
FIGURA 5	Parte interna do Mercado Municipal.....	23
FIGURA 6	Estrutura do banco de madeira.....	26
FIGURA 7	Estrutura do banco de ferro.....	26
FIGURA 8	Consumidores tomando café da manhã.....	28
FIGURA 9	Centro da cidade, área onde se realiza a feira.....	29
FIGURA 10	Início da organização dos bancos.....	29
FIGURA 11	Centro da cidade em dia de feira.....	30
FIGURA 12	Bonecas de pano.....	35
FIGURA 13	Carrinhos de madeira.....	35
FIGURA 14	Fogareiros de lata e caqueras de quenga de coco.....	36
FIGURA 15	Objetos de barro em meio a outros modernizantes.....	36
FIGURA 16	Produtor rural comercializando galinhas de capoeira.....	38
FIGURA 17	Comércio de galinha de granja.....	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. Contextualização da área em estudo.....	14
1.1 Localização.....	14
1.2 Resgate histórico e cultural do município de Umbuzeiro-PB.....	16
1.3 Marcas do tempo.....	19
2. A FEIRA LIVRE DE UMBUZEIRO-PB: Espaço das reprodução econômicas e culturais da população.....	24
2.1 A feira livre: Uma breve reflexão.....	24
2.2 Passado e presente nos espaço das emoções.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

O espaço urbano vive em constantes mudanças, e estas são fruto da sociedade que nele está inserida atuando de várias maneiras, adaptando-as a partir da práxis política para atender suas necessidades. Esse espaço pode ser caracterizado por vários fatores: culturais, históricos, sociais, econômicos e outros.

As feiras livres possuem grande representatividade no interior do Nordeste brasileiro, sendo muitas vezes o único local de comércio das pequenas cidades interioranas. Para sua realização, há uma modificação do espaço para que o mesmo possa atender as necessidades existentes na feira.

As feiras são fenômenos econômicos onde além das relações comerciais, predominam vários fatores culturais, tais como, a comunhão do viver urbano e o viver rural, a utilização desses ambientes como palco para apresentações artísticas, e lugar de encontro, lazer e entretenimento que proporciona uma rica troca de conhecimentos e sabedoria popular.

O espaço da pesquisa, de acordo com o IBGE (2011), está localizado na Mesorregião do Agreste Paraibano e na Microrregião de Umbuzeiro, a 109 km de João Pessoa, capital da Paraíba.

Muitos foram os motivos que me levaram a discutir a temática no âmbito acadêmico. Entre eles os mais relevantes para a escolha desse tema devem-se ao interesse em estudar e conhecer a história da feira de Umbuzeiro, que tem grande significação econômica para o município, além disso, possui uma grande contribuição de cunho científico, servindo para subsidiar outras pesquisas científicas que abordarão a mesma temática de estudo. E principalmente por acreditar que a feira possui uma grande importância social, pelo o fato de ser um fenômeno histórico e cultural que com sua simplicidade, resiste às modernizações e sobrevive no espaço urbano, assim meu maior desafio foi focar o olhar para a riqueza cultural, que entre bancos, barracas, lonas, carroças e gritos, circulam na feira do município de Umbuzeiro.

Os objetivos dessa pesquisa foram analisar a importância que a feira reflete ao meio sociocultural e econômico, bem como evidenciar as relações sócio-produtivas do campo e da cidade presentes na feira.

Para entender esse espaço onde se desenvolve múltiplas relações através da sua dinamicidade, se fez necessário levantar algumas hipóteses:

- A feira possui um caráter cultural marcante, pois existe uma relação direta entre vendedor e consumidor, sendo um espaço de encontro e lazer, onde são vivenciadas trocas de conhecimento e sabedoria popular.
- A feira do município de Umbuzeiro é um instrumento de sustentabilidade familiar para o camponês local.
- A feira é um espaço acolhedor para viver um trabalho autônomo que não exige muita qualificação e pré-requisitos aos feirantes.

Para embasar metodologicamente as propostas deste estudo, se faz necessário uma pesquisa bibliográfica acerca de autores que abordam essa temática, a fim de compreender a origem e representatividade que as feiras tiveram e ainda tem nos dias atuais.

Desse modo, utilizando o conhecimento empírico, e junto a ele o trabalho de campo e levantamento fotográfico. Dando enfoque a cultura e história através do diálogo informal.

O início do trabalho faz uma caracterização da área em estudo, através do resgate histórico e cultural, considerando as “marcas do tempo” através de seu Patrimônio Cultural. Em seguida se fez um estudo sobre as feiras, sua origem, como atua enquanto mercado periódico e como está inserida no circuito inferior da economia, além disso, será explanado sua centralidade econômica e cultural, e a mistura entre o passado e presente nesse espaço das emoções.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA EM ESTUDO

1.1 LOCALIZAÇÃO

Localizada na mesorregião do agreste paraibano, e na microrregião de Umbuzeiro, entre as coordenadas geográficas: 7°42'52S e 35°40'57W, a 109 km da capital da Paraíba, João Pessoa, a cidade de Umbuzeiro se destaca pelo seu clima com temperaturas médias.

De acordo com o censo do IBGE (2010), o município possui uma área territorial de 181,326Km² e uma população composta por 9.298 habitantes. Os municípios limítrofes com Umbuzeiro são ao norte: Gado Bravo e Aroeiras; leste: Natuba; sul: Estado de Pernambuco; oeste: Santa Cecília (Paraíba). (Ver mapa 1)

Em relação à estrutura de sua população o município, conta com a maior parte residindo na zona rural, isto porque a base da sua economia está voltada para a agropecuária. Entre os produtos mais cultivados pode-se citar o milho, feijão, fava, mandioca, que são comercializados na feira livre, e o gado na feira de gado, ambas ocorrem semanalmente, no mesmo dia, porém em locais diferentes.

1.2 RESGATE HISTÓRICO-CULTURAL DO MUNICÍPIO DE UMBUZEIRO-PB

Para se compreender a formação histórica de uma cidade deve-se levar em conta diferentes dimensões, bem como a relação entre o ser humano e a natureza, e os valores culturais da sociedade e do lugar em estudo.

A cidade é uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas. (CARLOS, 2007 p. 57).

Neste contexto, pode-se dizer que, a cidade é criada e recriada de acordo com a relação sociedade/natureza e da maneira que esta se constrói enquanto indivíduo, através de suas atividades e da divisão da força de trabalho, o ser humano transforma o espaço natural, adaptando-o a si, e desta maneira construindo novas formas de adaptação do espaço.

A origem e evolução histórica da cidade de Umbuzeiro estão relacionadas ao desenvolvimento de outras cidades, Umbuzeiro serviu como ponte de passagem para os viajantes que vinham de Pernambuco com destino à Campina Grande através do caminho do gado e no enriquecedor período do algodão. A partir daí os primeiros moradores passaram a desenvolver práticas agrícolas e a cultivar o algodão para garantir o seu sustento.

Segundo Gomes (1995, p. 18), os primeiros moradores do município foram os Coronéis José da Silva Pessoa, Manoel D'assunção Santiago, e José da Silveira Calafange. Devido à abundância de umbuzeiro na região, é que foi escolhido para o nome do povoado que surgia o nome Umbuzeiro, que proveio do vocábulo indígena "am-bur" e significa está em pé.

Em 1880, no governo de Dr. Venâncio Neiva, o umbuzeirense Epitácio Pessoa, foi convidado para ser secretário do mesmo, o que se tornou propício para a elevação de Umbuzeiro a categoria de Vila e sede do município.

Com sua emancipação Umbuzeiro passou a ser governado por um intendente municipal, pois nesta época não existia Poder Legislativo, sendo José Severino da Silveira Calafange o primeiro prefeito intendente do município, assumindo a administração do Conselho de Intendência no dia 20 de maio de 1890. A Vila de Umbuzeiro foi elevada a categoria de cidade em 30 de março de 1938.

O primeiro prefeito do município foi o falecido Sr. Carlos Pessoa, e o atual prefeito de Umbuzeiro é o Sr. Antônio Fernandes de Lima.

Umbuzeiro foi berço de importantes nomes da história não apenas da Paraíba mais também do Brasil, são filhos de Umbuzeiro João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, Eptácio Pessoa e Francisco de Assis Chateaubriand de Melo.

Entre os citados filhos ilustres de Umbuzeiro, o que mais tentou elevar a município foi Assis Chateaubriand, que junto a outros patrocinadores, como Cel. José Pessoa de Queiroz puseram em ação algumas benfeitorias, como o Campo de Aviação, que foi construído a visão de servir a toda região da Borborema e à aeronáutica brasileira.

Essa obra foi entregue aos cuidados da prefeitura municipal, onde os governantes o destruíram para construir um campo de futebol e uma quadra poliesportiva. Na realidade o campo de futebol foi concluído, porém a quadra poliesportiva nunca passou de uma obra inacabada e atualmente em ruínas.

No mesmo período da construção do campo de aviação também foi realizada outra obra patrocinada por Chateaubriand e Cel. José Pessoa, o posto de puericultura, uma obra de grande importância, pois contava com os mais modernos equipamentos da época, e infelizmente teve o mesmo fim que o campo de aviação. Do posto de puericultura só restou o prédio onde hoje funciona a Prefeitura Municipal.

Quando nos referimos à atuação dos ilustres filhos de Umbuzeiro, uma moradora do município confirma a atuação de Chateaubriand em Umbuzeiro:

As primeiras ações de desenvolvimento e divertimentos em Umbuzeiro foram trazidas por Chateaubriand. Aqui tinha um campo de aviação, posto de puericultura, cinema e muitas outras coisas que poderiam servir até os dias de hoje, mais foram acabadas. Porque aqui é assim, um faz e outro desfaz e dessa forma Umbuzeiro continua o mesmo.

Continuando seu depoimento a moradora revela em sua fala a cultura que se fazia presente nesse lugar:

Sem se falar no cinema que era muito bom, aqui também tinha muita festa, a melhor era a Festa de Reis que ainda era maior que a da Padroeira. A Festa de Reis era comemorada com muita quermesse, muitas barracas de comidas, confeitos e miudezas. Depois das celebrações religiosas tinha baile no palanque ou no clube. Era muito bom.

Levando em conta os aspectos discutidos, Umbuzeiro foi alvo de inúmeros projetos e propostas de melhoria para seu desenvolvimento, porém apesar de tantos anos terem se passado muitos objetivos não foram alcançados e sim esquecidos.

Os bailes no palanque que a entrevistada mencionou, também são expressos por Gomes (1995, p.141), conforme ele, “os bailes do palanque fizeram muito sucesso na época. Eram realizados aos domingos ou após algum evento importante.”

Gomes (1995, p. 141 e 142) descreve quão belo e divertido eram esses bailes:

Animados por orquestras de instrumentos metálicos, os pares rodopiavam, embalados pelo vento frio que assanhava o penteado dos dançarinos, envolvidos pelo som de músicas românticas ou buliçosas: “Beguim the Bequine”, “C’est si Bom”, “Rosa”, “Samba Rasgado”, e outras melodias da época.

O famoso palanque mencionado foi destruído na década de 1970 e junto com ele o divertimento da cidade.

Durante as conversas, foi perguntado à moradora como era a Praça da Bandeira, segundo ela tinha um palanque no centro da praça e “o palanque era feito de concreto e localizava-se no centro da praça, esse palanque também era conhecido como coreto”, e afirma que era muito iluminado e lá era onde ocorriam os bailes nos finais de semana. Afirma ainda que o carnaval era contagiante e tinha blocos carnavalescos de grande representatividade, eram Dragão de Momo, Az de Ouro, Estrela, Caninha Verde e muitos outros.

Onde se localizava o coreto que a entrevistada denomina de palanque é hoje a Praça da Bandeira, atualmente funciona em seu centro ocupando praticamente em todo o espaço da praça uma agência do Banco do Brasil, que não permite uma visão ampla da paisagem da praça e, além disso, possui uma iluminação precária.

De acordo com relatos anteriores, nota-se que Umbuzeiro recebeu várias possibilidades de desenvolvimento, e que contava com inúmeras atrações e diversões para os jovens de épocas passadas.

Entre as atrações culturais citadas anteriormente, as que ainda são vivenciadas é o carnaval e a Festa de Nossa Senhora do Livramento, Padroeira da cidade.

O carnaval ainda representa uma força cultural marcante, tendo sido seus bailes realizados no clube municipal até o ano de 2010, porém devido a uma antiga doação do mesmo a Igreja Católica, doação que foi reivindicada pela igreja, assim o município perdeu seu clube, sendo o baile de carnaval 2011 realizado no mercado público, quebrando-se então a tradição do Baile de Carnaval no Clube Municipal onde era vivenciado há décadas.

Além dessas festividades, Umbuzeiro conta também com uma grandiosa festa de seu aniversário que vem sendo vivenciada há sete anos numa perspectiva de que se insira como tradição na cidade.

Algo que vem passando de geração em geração e cada vez ganhando maior força é a Feira Livre que apesar dos tempos modernos persiste com grande representatividade econômica e cultural.

1.3 MARCAS DO TEMPO

Chegar a Umbuzeiro e observar o centro da cidade é como voltar no tempo, pois monumentos históricos encantam e revelam sua existência.

O centro da cidade de Umbuzeiro é um verdadeiro cenário histórico, munido de belos monumentos, a começar pela Igreja Matriz inaugurada em março de 1941, tendo Nossa Senhora do Livramento como a Padroeira dessa cidade. (ver figura 1)



Figura 1: Igreja Matriz

Foto: Suzany Domingues - julho de 2011

Outras construções também se fazem presente nesse cenário, o prédio da Escola Estadual Presidente João Pessoa (antigo Grupo Escolar Coronel Antônio Pessoa), mercado municipal construído na década de 1920, e antigos casarios, oferecem uma fascinante viagem ao passado e muitas descobertas através da bela arquitetura, por terem sido as primeiras casas e construções em alvenaria na cidade, permitindo assim que quem por lá passe, perceba-os como marcos históricos de sua fundação, através da sua paisagem que revela as marcas de um tempo pretérito. (Ver figuras 2 e 3) Referentes as citadas construções.



Figura 2: (Antigo Grupo Escolar Coronel Antônio Pessoa)

FOTO: Suzany Domingues- setembro 2011



Figura 3: Antiga casa no centro da cidade

Foto: Suzany Domingues - setembro de 2011

Essas construções fazem parte do Patrimônio Histórico e Cultural da cidade de Umbuzeiro, e devem ser preservadas para continuar como referências históricas e serem conhecidas e vivenciadas pelas futuras gerações.

Sobre Patrimônio Cultural, baseada na Constituição Brasileira de 1988, ARAÚJO (2006, p. 97) diz que:

Constituem Patrimônio Cultural Brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I- as formas de expressão; II- os modos de criar, fazer e viver; III- as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV- as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas – culturais; V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico, paleontológico e científico.

ARAÚJO (2006, p.93), considera a feira de central de Campina Grande um elemento fundamental de patrimônio artístico, histórico e cultural campinense. Nessa perspectiva, se as formas de expressão e os modos de criar, fazer, viver também fazem parte do patrimônio cultural, consideramos assim como Araújo, que além dos mencionados prédios e antigas construções, a feira livre de Umbuzeiro também faz parte de seu patrimônio cultural, sendo a feira um lugar de relação comercial que proporciona também a troca de identidade e valores culturais.

A feira de Umbuzeiro existe há muitos anos, não há registros que datem precisamente sua origem e surgimento. Segundo GOMES (1995, p. 27), a princípio a feira funcionou próximo a Praça João Pessoa, porém devido à proximidade do limite com Pernambuco, foi deslocada para o atual pátio do mercado, que foi construído por volta de 1916. Neste caso, vemos que a feira depois de transferida, funciona no mercado e em seu entorno a aproximadamente 95 anos, ocupando as ruas: Presidente Getúlio Vargas, Praça Coronel Antônio Pessoa, Praça da Bandeira, Rua Barão do Rio Branco, Rua da Conceição e Rua Eptácio Pessoa. (Ver figura 4).



Figura 4: Localização da feira de Umbuzeiro

Dado: Fotografia aérea obtida através da Prefeitura Municipal de Umbuzeiro, adaptada por Suzany Domingues-2011

No Mercado Municipal durante a semana são guardados alguns bancos de feira e algumas mercadorias. (Ver figura 5)



Figura 5: Parte interna do Mercado Municipal

Foto: Suzany Domingues - outubro 2011

Apesar de se passarem tantos anos, a feira livre continua presente no espaço urbano da cidade e notadamente cada vez com mais representatividade.

Consideramos a feira como um depositário de valores, expressões, transformações que resignificam a todo instante a memória dos que a freqüentam, na tentativa de representar suas identidades, mesmo que de caráter múltiplo, variado, mas, sobretudo vista do âmbito da singularidade, enquanto identidade social, descrita através da memória coletiva. (ARAÚJO, 2006, p.99)

Em meio a esses fatores, acreditamos que é necessário manter uma valorização, preservação e conservação desses patrimônios históricos e culturais, tanto dos prédios históricos, quanto da feira esse riquíssimo patrimônio cultural, que há gerações é fonte de renda de muitos e revelador da cultura, criatividade e sabedoria popular.

Dessa maneira, devendo permanecer vivo para continuar fazendo história, pois se trata de um patrimônio do povo que revela sua história e sua cultura.

2. A FEIRA LIVRE DE UMBUZEIRO: Espaço das reproduções econômicas e culturais da população

2.1 FEIRA LIVRE: Uma breve reflexão

A princípio para se compreender o fenômeno da feira, será abordado a ocupação e o uso do espaço urbano, para a realização da feira livre considerando as realizações socioeconômicas e culturais nela presentes. Desse modo a discussão fundamentar-se-á em teorias e observações *in locu*, algumas abordagens sobre a cidade, a origem das feiras, bem como ela se insere no contexto atual.

Em estudo sobre a cidade, Carlos (2007 p. 67) diz que: “A cidade, enquanto realização humana é um fazer-se intenso, ininterrupto”. Ela está aberta para as inúmeras modificações da sociedade, através do modo de vida urbano, de suas necessidades, da incessante forma de comércio, tecnologia e consumo, contando ainda com a tradição popular que muitas vezes expressam a identidade de um povo, de uma sociedade.

Pensar o urbano, sua organização e manifestações vivenciadas neste espaço é algo fascinante, pois a paisagem urbana vai se modificando de acordo com as necessidades da sociedade que nela está inserida.

Conhecer o surgimento das feiras no Brasil é fundamental para que se possa entender a dinâmica desse espaço. Tiriba (2001), apud ARRUDA E NETO (2010, p. 143) revelam que:

No Brasil, as feiras existem desde o tempo da colônia. Apesar dos “tempos modernos” e dos contratempos que elas causam em grandes cidades, elas não desaparecem. Em muitos lugares, no interior do país, elas são o único local de comércio da população. Muitas vezes funcionam também como centros culturais e de lazer.

Weber (1996) apud DANTAS E COSTA (2009, p.2) expressam que:

Falar de feiras é reconstruir a evolução das relações de troca em praticamente todas as partes do mundo. As instituições destinadas à realização de intercâmbio de mercadorias e ao abastecimento da população se originaram como um fenômeno primitivo e espontâneo permitindo a formação de inúmeros núcleos de povoamento que evoluíram para muitas cidades. Dessa forma os mercados de troca representaram o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial sendo este um dos elementos determinantes para os homens se reunirem em sociedade.

Partindo dessas considerações, entende-se que as feiras surgiram no Brasil durante o período de colonização, caracterizando-se assim como uma das mais antigas formas de comércio existente no território brasileiro, e, mesmo com a modernidade e a tecnologia

existente nos supermercados, as feiras resistem e permanecem em grandes e pequenas cidades do Brasil.

Mesmo existindo praticamente em todo país é nas regiões interioranas que elas ganham maior força, principalmente no interior do Nordeste brasileiro, exercendo um importante papel no abastecimento da população, na circulação de produtos e na cultura local.

Na realidade, muitas feiras são responsáveis pela origem e crescimento de muitas cidades. Inicialmente, de acordo com sua origem histórica, as feiras funcionavam regularmente em locais geograficamente privilegiados, devido às rotas comerciais. Eram locais de encontro dos negociantes que se transformaram em pontos de comércio. (ROLNIK, 1988 apud ARRUDA E NETO, 2010, p. 142 e 143).

Muitas cidades nordestinas se originaram e desenvolveram impulsionadas por algum tipo de comércio entre povos de uma mesma região ou comunidade. A feira livre é um tipo de comércio que no passado promoveu o desenvolvimento de muitas cidades, e apesar de não está inserida no modelo de comércio moderno, ela ainda apresenta forte resistência e garante a sustentabilidade de muitas famílias.

As feiras apresentam uma característica de periodicidade, pelo fato de se realizarem em dias determinados, Corrêa (2005 p. 50), concede-lhes a qualidade de mercados periódicos e explica que:

Os mercados periódicos são definidos como aqueles núcleos de povoamento, pequenos, via de regra, que periodicamente se transformaram em locais centrais: uma ou duas vezes por semana, de cinco em cinco dias, durante o período de safra, ou de acordo com uma outra periodicidade.

A feira livre do município de Umbuzeiro - PB ocorre durante três dias, quinta, sexta e sábado. Tendo início na quinta-feira pela manhã, quando começam a serem montados os bancos e chegar às mercadorias vindas da zona rural, de municípios vizinhos e até mesmo de outro estado, é comum produtos vindos de Pernambuco, pois a cidade faz divisa entre os estados Paraíba e Pernambuco. Na quinta-feira o funcionamento que tem início por volta de 06:00h estende-se aproximadamente as 13:00h e à maioria dos produtos comercializados neste dia são legumes, frutas e verduras.

Na sexta feira logo cedo, entre 06h00min e 07h00min lá estão os feirantes outra vez expondo seus produtos em meio a outros bancos que ainda estão sendo montados. O comércio na sexta feira é mais abrangente que na quinta, na sexta feira além de frutas, legumes e verduras, existe uma forte presença do comércio de roupas, calçados, e também de jeans fabricados em Toritama-Pe expostos em malas de carros e em bancos com estruturas de ferros montados pelos próprios donos. (Ver figura 6 e 7, estrutura dos bancos).



Figura 6: Estrutura do banco de madeira (tradicional)

Foto: Suzany Domingues - outubro 2011



Figura 7: Estrutura do banco de ferro (mais moderno e prático)

Foto: Suzany Domingues outubro 2011

O comércio de artigos de confecção e calçados vai até 12:00h, porém os demais produtos permanecem durante a tarde, estendendo-se para noite que também recebe um

grande número de pessoas que vão à feira tanto para realizar suas compras, como para saborear comidas regionais, bater um papo e tomar uma cachaça ao som de músicas que emanam dos carros.

A feira se torna o *locus* da cultura popular, que é expressa por quem vai fazer suas compras, marchantes (que trabalharam a tarde inteira no abatimento de animais e parte da noite para organizar a mercadoria), estudantes (que muitas vezes não esperam a aula acabar e fogem para feira), e até universitários que chegam por volta das 22:00h, param nas barracas de comidas e sentam em bancos de madeira lado a lado com outras pessoas para saborear uma macaxeira ou cuscuz acompanhado de galinha caipira ou sarapatel¹ que são os pratos preferidos dos consumidores. Esses atores sociais aproveitam, assim, para “curtir um pouco”, conversar, vivenciar momentos de lazer, de descontração em um ambiente simples que promovem esses momentos de a cada oito dias, tornando diferente o convívio entre as pessoas nas noites de sexta feira da pacata cidade, sem distinção de idade, nem de posição social.

Mesmo a feira da sexta feira tendo forte representatividade, é no sábado que o comércio é mais movimentado recebendo maior fluxo de pessoas, inclusive da zona rural e de municípios vizinhos que também aproveitam para tomar café da manhã nas barracas da feira (ver figura 8), esse comércio vai mais ou menos até 13h00min e então é hora de desarmar os bancos para que se comece a realizar a limpeza das ruas.

¹Sarapatel- guisado de sangue e vísceras de porco e carneiro. Fonte: <http://www.definition-of.net> acesso em 17 de outubro de 2011



Figura 8: Consumidores tomando café da manhã

Foto: Suzany Domingues - abril de 2011

Desse modo, entende-se que tal comércio de Umbuzeiro apresenta essa característica de feira pela periodicidade, e nos dias em que ocorre apresenta certa centralidade tanto econômica quanto cultural, tendo uma forte representatividade, tanto para a população local quanto para os municípios vizinhos.

Neste contexto refletamos com Corrêa (2005, p. 50):

Nos dias de mercado o pequeno núcleo se transforma em um centro de mercado. Vendedores dos mais variados produtos, artesãos e prestadores de diversos serviços amanhecem no centro com suas mercadorias e instrumentos de trabalho.

Diante de tal fato, deve-se levar em conta que o local onde ocorrem as feiras, muda de cenário semanalmente nos dias em que acontecem, pois se inserem em locais fixos modificando assim toda a paisagem. (Ver figuras 9, 10 e 11)



Figura 9: Centro da cidade, área onde se realiza a feira
Foto: Suzany Domingues abril 2011



Figura 10: Início da organização dos bancos
Foto: Suzany Domingues - setembro 2011



Figura 11: Centro da cidade em dia de feira

Foto: Suzany Domingues - abril 2011

Através dessas imagens, pode-se observar que esses espaços são modificados a partir do momento em que os feirantes começam a montar suas barracas e chegar com suas mercadorias transformando a dinâmica da paisagem local. Sendo “[...] a paisagem não só um produto da história, [mas dá] a concepção que o homem tem e teve do morar, do habitar, do trabalhar do comer e beber, enfim do viver” (Carlos, 2007 p.38).

Nesse contexto, a feira é um tipo de atividade promovido através do trabalho e da ação humana, e possui um alto poder de transformação, pois modifica a paisagem e a funcionalidade de um mesmo espaço em um curto período de tempo. De acordo com SANTOS (1988 p. 21), “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”.

Na vivência da feira é possível compreender a dinâmica e a essência cultural presente nela, modifica a paisagem, não só apenas no que a visão alcança, mas sim pelo colorido, cheiro e sons através do tumulto das conversas, dos gritos dos feirantes que fazem a propaganda dos produtos, das músicas emitidas de carrinhos e bancos de CDs, das

apresentações artísticas que vez ou outra são vivenciadas alegrando o ambiente e chamando atenção dos que por ali passam, e vivem momentos de trocas culturais.

As feiras livres são lugares públicos, muitas vezes em espaço ao ar livre, onde são comercializados os mais variados tipos de mercadorias, produtos artesanais, frutas, legumes, verduras, peixes, queijos, roupas, ervas medicinais e outros.

Para a realização das feiras é necessário todo um processo de produção, compra, o transporte de mercadorias, mas também de montagem das barracas, de organização e de armazenamento dos produtos, tudo isso fruto de um trabalho que muitas vezes passa de geração para geração, mantendo a tradição familiar, como também o dia-a-dia e a sobrevivência de muitos.

Essa marca cultural, de tradição familiar é confirmada na fala de um feirante quando diz:

Comecei a trabalhar na feira com meu pai desde cedo, sempre ia ajudar ele em todas as feiras que fazia. Tanto ia comprar a mercadoria com ele, como vender nas feiras. Hoje além de ajudá-lo, tenho meu próprio banco, e minha noiva começou a me ajudar, e hoje ela é feirante também. Me ajuda em todas as feiras que faço.

Consideramos então que a feira é um tipo de atividade onde o conhecimento é repassado pelos próprios familiares, que se ajudam mutuamente e aprendem na participação da mesma atividade, do mesmo trabalho. Neste sentido a feira livre oferece aos feirantes a oportunidade de comercializar os produtos cultivados por ele, ou adquiridos de outra região, e manter sua família empregada, tendo em vista que se trata de um trabalho que não exige muita qualificação no qual a pessoa trabalha por conta própria, possuindo livre arbítrio para contratar quem quiser e pagar quanto puder.

Nos dias em que acontece a feira, há um intercâmbio econômico e cultural entre o urbano e o rural tornando-se um único centro de mercado, o qual atrai pessoas para vender e consumir. Promovendo o aquecimento na economia local, e “apresenta-se como um tecido venoso por onde afluem valores sócio-culturais e preceitos econômicos e ideológicos” (SILVA 2006, p.24).

Essas se apresentam como fenômenos que modificam a dinâmica de um espaço onde o mesmo passa a ter valores socioculturais, e oferece a cidade uma característica de centralidade, pois é um tipo de comércio que abrange e fornecem serviços a população urbana e rural local e de municípios vizinhos, que fazem uso da mesma para comercializar, comprar e se divertir, dessa forma, dando continuidade e vida a esse comércio, que exerce uma centralidade, mesmo que periódica.

Essa centralidade deve ser compreendida não apenas no contexto econômico, mais fundamentalmente no contexto social e cultural onde ela está inserida, através de valores e significados que elas representam para os feirantes e também para os fregueses, que utilizam o espaço da feira para comprar, vender e socializar diversos assuntos que vem desde uma situação regional a outros de maior abrangência, concentrando assim pessoas com diferentes valores culturais.

Segundo Silva, (2006, p.26):

A feira, de um modo bem peculiar, retrata o interior de uma sociedade, elenca as condições sócio-educacionais de um grupo a partir de aditivos sanitários no espaço comercial, aborda as condições econômico-culturais quando reflete no consumo o potencial aquisitivo de uma população, bem como, reproduz a cultura local através da relação de oferta/demanda dos artigos envolvidos na identidade cultural dessa população. Assim a feira apresenta-se coadjuvante no ser/estar sócio cultural e econômico de um povo.

Em suma, a feira nos oferece diferentes olhares e inúmeras compreensões, ao analisá-la. É perceptível que em meio à comercialização de mercadorias afluem marcas culturais muito fortes, entre elas, a maneira como o comerciante faz a propaganda da sua mercadoria, gritando, cantando e até fazendo poesia, na tentativa de atrair o freguês que vai ao seu banco consumir, conversar e quem sabe tentar negociar o preço direto com o vendedor. Diante desses diálogos os feirantes passam a conhecer seus fregueses e suas preferências, com o intuito de não perder o freguês, o feirante geralmente o agrada com um desconto ou uma mercadoria de cortesia.

Essa relação de amizade entre vendedor e consumidor, a questão da negociação de preços é comum no âmbito da feira, nela está presente o calor humano e uma agitação proporcionada através da espontaneidade, que não existe nos supermercados onde todas as mercadorias já estão com seu valor estampado em cada produto. Nesse aspecto compreende-se a feira não apenas como um espaço de comercialização, mais principalmente de informalidade e descontração tornando-se um ambiente do encontro e do lazer.

Na feira de Umbuzeiro, é tradição no período de carnaval blocos carnavalescos se apresentarem na mesma, trata-se de grupos de pessoas que se apresentam com bumba-meu-boi e outras fantasias e adereços de carnaval, munidos de tambores, pandeiros e outros instrumentos, entoando marchinhas de carnaval, levando assim alegria a uns e aborrecimento a outros. Além de apresentações carnavalescas também é comum em outras ocasiões, a presença de artistas populares fazendo a divulgação de seus trabalhos, a feira é desta forma o palco para muitos artistas.

Levando em conta o que foi exposto, verifica-se que o acontecer das feiras é algo contagiante, pois nos permite múltiplos olhares, e é sob essa ótica de persistência comercial e artefato sociocultural, que esta pesquisa na feira de Umbuzeiro manterá seu trajeto.

2.2 PASSADO E PRESENTE NO ESPAÇO DAS EMOÇÕES

O mundo atual vive em um compaço de mudanças, são muitos os avanços tecnológicos, avanços esses que contribuem para a oferta dos mais variados tipos de produtos que se possa imaginar. As modernizações estão presentes na sociedade e oferecem variados tipos de produtos e mercadorias, que vem desde aparelhos eletrônicos sofisticados ao barateamento de produtos industrializados, a praticidade oferecida na alimentação, meios de comunicação, transportes e outros, desse modo tornando produtos e serviços cada vez mais populares.

Porém, mesmo com toda tecnologia e conforto presentes no mercado atual, ainda é possível encontrar lugares que nos fornecem “marcas de um tempo” onde une o passado e o presente, a feira é um espaço que oportuniza esse acontecimento, essa junção.

Através de sua dinamicidade, a feira apresenta objetos que o moderno não conseguiu apagar, são brinquedos confeccionados artesanalmente onde retalhos de tecidos e algodão são transformados em bonecas de pano, madeira e latas em carrinhos, também produzidos com latas canecas e fogareiros, a palha em abanos e peneiras, o barro em objetos de cerâmica, como formas para o armazenamento de água, panelas e objetos de decoração e outros, como se pode observar nas (figuras 12, 13, 14 e 15).

Em seu estudo sobre a feira de Campina Grande, Costa (2003, p. 95) argumenta que:

São os objetos dos meios pretéritos ainda presentes na Feira que contam a história desse espaço rugoso, porém muito mais do que símbolos, as rugosidades apresentam funcionalidades no momento presente, atendendo as necessidades dos diversos grupos sociais, motivo pelo qual a presença de tais rugosidades se justificam.

Essa presença de objetos e serviços considerados “ultrapassados”, em meio a outros modernos nos faz refletir sobre diferentes períodos históricos e tecnológicos, onde há uma mistura entre o passado e o presente, que alegra, dinamiza e dar vida a esse espaço de identidade sociocultural e vivência humana.

Costa (2003, p.141) diz:

É de causar pasmo, em pleno meio técnico-científico-informacional, se encontrar na Feira a concha feita de quenga de coco, a lamparina feita do reaproveitamento de latas, o pegador de brasas e o abano confeccionados com palha, objetos que sobrevivem e contemporizam com produtos de plástico mais diversos.



Figura 12: Bonecas de pano

Foto: Suzany Domingues - outubro 2011



Figura 13: Carrinhos de madeira

Foto: Suzany Domingues - outubro 2011.



Figura 14: Fogareiros de lata e caqueras de quenga de coco

Foto: Suzany Domingues - outubro 2011



Figura 15: Objetos de barro em meio a outros modernizantes

Foto: Pesquisa em campo outubro 2011

Conforme já argumentado, e através da análise dessas fotografias, nota-se que mesmo diante de diversos artigos práticos e sofisticados, objetos pretéritos ainda se fazem presentes no comércio da feira livre de Umbuzeiro - PB, isso é sinônimo de que ainda são consumidos, podendo representar para uns objetos do passado, com outro tipo de utilização como peças decorativas ou folclóricas, e para outros sua verdadeira funcionalidade continua atendendo as necessidades de alguns grupos que ainda os utilizam.

A criatividade e a arte na feira não se encontram apenas nos objetos citados anteriormente, ela está presente também em sua própria organização, na maneira como os comerciantes armazenam, expõe e divulgam seus produtos.

O modo de organizar seus bancos sejam eles de legumes, frutas, verduras, ervas ou com produtos totalmente diferentes, como calçados, roupas, ferragens e outros, cada vendedor tem sua maneira de organizar e arrumar de seu ponto.

Os vendedores de aves, caprinos e suínos, por exemplo, usam de sua criatividade desde o transporte, até a maneira de organizar o local de comércio. Podemos notar a presença e a diferença entre pequenos produtores rurais e outros de maior poder aquisitivo. Os pequenos produtores rurais que comercializam com aves: peru, guiné e galinha caipira; suínos e caprinos, costumam transportar sua mercadoria em cestos de cipó presos nos lombos de jegues e ou cavalos, mesmo em uma quantidade mínima essa maneira de transportar a mercadoria embora ultrapassada ainda se faz presente no cotidiano da feira. Hoje é mais comum esses produtores realizarem esse transporte em motos, com caixas ou balaies presos no bagageiro ou em seus próprios carros.

Os feirantes que comercializam com galinhas de granja transportam maior quantidade de aves, cerca de 300 galinhas, e realizam esse transporte em caminhões dentro de grades de madeira ou em caixotes de plástico resistente os quais contem aberturas para permitir a circulação de ar. (ver figuras 16 e 17).



Figura 16: Produtor rural comercializando galinhas de capoeira
Foto: Suzany Maria - outubro 2011.



Figura17: Comércio de galinha de granja
Foto: Suzany Domingues - outubro 2011

É notório que os feirantes mesmo comercializando produtos de mesma natureza, cada um possui sua criatividade, seu estilo próprio de organizar a mercadoria, sua maneira de transportar, e vender seus produtos, uns utilizando procedimentos ainda rústicos e outros fazendo uso de equipamentos mais modernos.

Segundo Corrêa (2005, p 73), as relações econômicas a que esse tipo de comércio esta inserido, pertence ao circuito inferior da economia estudado por Santos, sendo que “o circuito inferior é constituído por atividades que não utilizam capitais de modo intenso, possuindo ainda uma organização primitiva”, sendo representada por atividades de pequeno porte onde a preocupação essencial passa a ser a subsistência familiar. A feira oferece ao produtor rural uma oportunidade de comercializar seus produtos, empregar familiares, haja vista que se trata de um trabalho autônomo que não exige muita burocracia. No entanto, embora seja um tipo de atividade simples:

Não se pode pensar, todavia, que a feira é esta completa cristalização do passado, onde o tempo parou, é, porém uma inércia dinâmica que sobrepõe elementos do passado, mas que também absorve modernizações do presente, as quais são adaptadas à estrutura preexistente, dando lugar as novas formas e ações. (Costa, 2003, p.143).

No momento que a feira se reproduz notam-se nelas objetos dos meios pretéritos em meio a outros modernos, dessa maneira apresentando forte resistência frente às novas formas de comércio caracterizadas pelas modernizações imposta pelo capitalismo e pela globalização, sendo a feira capaz de absorver parte dessas modernizações e adaptá-las ao seu meio, sem perder a essência da espontaneidade e criatividade popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada para viabilizar a produção desse estudo monográfico permitiu compreender melhor a história do município de Umbuzeiro, e o entrosamento cultural que permeia o espaço da feira livre do mesmo.

Para compreender a dinâmica da feira levou-se em conta a história da cidade, na busca de conhecer a partir do momento que a feira se inseriu na vida urbana do município, através de um olhar indagativo a respeito da importância desse comércio em uma região, ante um espaço munido de cultura, simplicidade e popularidade, que permanece viva em uma sociedade que vivencia e valoriza o luxo e a modernidade.

Levando em consideração que o cotidiano urbano de Umbuzeiro vivencia semanalmente um momento de modificação e adaptação do espaço transformando-o em um centro de mercado, de centralidade econômica e cultural, sendo marcada por uma sociedade que usa o espaço objetivando a reprodução de sua vida.

Como um fenômeno que anima, agita e dá colorido a vida urbana, a feira é composta por vários atores e artefatos sociais e culturais, onde os feirantes e consumidores são peças fundamentais.

A feira é o momento onde a rua torna-se um centro de mercado, no qual há uma mistura entre o urbano e o rural, havendo uma troca de conhecimentos e valores culturais, onde as expressões humanas se expressam de maneira mais intensa, sendo uma expressão simples de vida social.

Quem frequenta esse ambiente, vivencia diferentes emoções através da criatividade, da mistura entre objetos pretéritos e modernos, bem como sua forma de organização onde cada feirante possui seu jeito próprio de arrumar seus produtos e fazer a propaganda dos mesmos, na perspectiva de conquistar a freguesia.

Diante de todos os elementos expostos, podemos afirmar que a feira é uma expressão da cultura, é um Patrimônio Cultural de Umbuzeiro, sendo um lugar onde a tradição popular é expressa com mais intensidade, e, além disso, garante a sustentabilidade de muitas famílias tanto do município de Umbuzeiro como de municípios vizinhos, apresentando-se semanalmente como uma centralidade econômica e cultural à medida que preserva hábitos populares, constituindo uma forma de resistência aos tempos modernos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Múltiplos discursos sobre a feira central de Campina Grande-PB**. Campina Grande: Agenda, 2006.

ARRUDA, Luciene Vieira de; NETO, Belarmino Mariano. **Geografia e território: planejamento urbano, rural e ambiental**. João Pessoa: Ideia, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. 1ª Reimpressão – São Paulo: Contexto, 2007. (Repensando a Geografia).

CORREIA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. 3ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COSTA, Antonio Albuquerque da. **Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo**, 2003. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Geografia CFCH/DCG/UFPE, Recife, 2003.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino; COSTA, Ademir Araújo da. **VAMOS À COMPRAS? DINÂMICAS NA FEIRA DE MACAÍBA/RN**. In: X Encontro Regional de Estudos Geográficos – X EREG. **Políticas de (Des)envolvimento da/ na REGIÃO NORDESTE: Uma leitura crítica geográfica** 22 a 25 de julho de 2009. Campina Grande, ISBN 978-85-61702-14-4, REALIZE Editora, 2009.

GOMES, José Eduardo. **Umbuzeiro 100 anos, nossa terra, nossa história, nossa gente**. 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. CENSO DEMOGRÁFICO 1960. Disponível em: <<http://www.ibge.com.br>>. Acessado em: 10 de abril de 2011.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. Hucitec. São Paulo: 1988

SILVA, Livia Betânia Wanderley. **A Feira Livre em Pedras de Fogo – PB**, 2006. Monografia (graduação), Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Universidade Federal da Paraíba - João Pessoa, 2006.